

O cinema não explica o mundo

Cíntia Gil

Em 1974 foi executado, pelo regime franquista, o resistente anarquista Salvador Puig Antich. Foi a última execução com garrote em Espanha. Nessa mesma noite Pere Portabella havia convocado de modo secreto uma pequena equipa de filmagens e um grupo de ex-prisioneiros políticos de longa duração, para um jantar secreto numa quinta. O filme chama-se "El Sopar". Num momento crítico, em que o regime simultaneamente exhibe a sua força e sublinha a sua ausência de sentido, aquele grupo conversa à mesa acerca das suas experiências. Quatro homens e uma mulher, um total de 50 anos de prisão. Como forçar o carcereiro a reconhecer-lhes o estatuto de presos políticos? Qual a validade de um instrumento de luta como a greve da fome, quando a luta na prisão é antes de mais pela manutenção das capacidades físicas e psíquicas para, ao saírem, prosseguirem a sua militância? De que modo o estado opressor sai ou não vencedor quando um preso, saído ao fim de 20 anos, se confronta com um tal desfasamento da realidade que não consegue estabelecer códigos em comum com as novas gerações? Estas questões desenrolam-se à mesa, levando cada um dos presentes à apresentação radical da sua palavra enquanto portadora de uma experiência limite e de uma potência problemática: como manter-se presentes, no contexto de uma luta concreta, quando a operação do regime é precisamente a sua retirada, encerrando-os num espaço fora do presente, um espaço sem coordenadas e sem elos efectivos com o real a que a sua condição refere. Encerrados e apartados do tempo e do espaço em que produziam sentido, o seu movimento é agora

precisamente o da luta pelo reconhecimento desse mesmo tempo e espaço, na sua complexidade, contra a sua simplificação ou nadificação. Como afirma um dos comensais, o verdadeiro objectivo do carcereiro não é o de punir, mas o de retirar da realidade social, esvaziando-o de sentido e potência, todo o militante, tornando-o inoperante.



"El Sopa", Pere Portabella, Espanha, 1974

Em 2008, numa entrevista a Josep M. Muñoz, Pere Portabella afirma: La ideología impregna la sociedad a través de los lenguajes dominantes y nunca me he reconocido en un cine de códigos "transparentes" o supuestamente más "comprensibles". Entiendo su función táctica en determinadas coyunturas políticas, pero lo que creo que ha permitido mantener el interés por mis películas más allá de sus contextos históricos es la manera en que se relacionaban con dichos contextos mediante un trabajo sobre la complejidad, que no complicación, del lenguaje y la subversión de los códigos.

"El Sopa" começa em auto-referência - enquanto o jantar se faz, preparam-se os instrumentos para gravar som, prepara-se o local para o que vai acontecer: alguns vão jantar e outros

vão filmar. Ambos os gestos fazem parte da construção de um topos cinematográfico propriamente dito, que vai produzir-se enquanto acontecimento testemunhal. A linguagem e os códigos são aqui trazidos enquanto operadores precisos num jogo de intenções claras: reconhecer, nestes homens e nesta mulher, a sua realidade singular que é, em si, testemunho da luta daquele que está, à mesma hora, a morrer. Perante a eliminação e o emudecimento, o cinema e a comida, a palavra e o gesto. Perante a simplificação histórica, a complexidade dos rostos, das vozes, das hesitações, dos silêncios. "El Sopar" é a construção de uma matéria crítica, através da qual a memória nunca se fixa enquanto produto histórico-cultural, mas insiste enquanto pergunta pelo sentido (do tempo de quem fala, de quem filma, mas também de quem vê e escuta). Contra a banalização da imagem e do relato, a afirmação vital da complexidade do mundo através da afirmação radical do cinema como acto singular.



"El Sopar", Pere Portabella, Espanha, 1974

Em "Adieu au Langage", Jean-Luc Godard retoma este repto e apresenta a fórmula de Monet: "Não pintar o que se vê, pois não se vê nada, mas pintar o que não se vê". Resgatar a força do militante aniquilado através da palavra de quem vive. A

força política de um filme reside na sua potência de reconstruir o mundo, devolvendo-o a uma vitalidade que escapa aos códigos e à banalização dos mesmos.



Je cherche de la pauvreté dans le langage - "Adieu au Langage", Jean-Luc Godard, França, 2014

Sobre a autora: Cíntia Gil (Porto, 1979) é investigadora e programadora de cinema. Frequentou a Escola Superior de Teatro e Cinema e formou-se em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde iniciou Doutoramento em Estética e colaborou com o Grupo de Investigação Estética, Política e Artes. Desde 2012 integra a direcção do Doclisboa - Festival Internacional de Cinema, onde concebeu já diversos programas e retrospectivas.